

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E ARTE – INTERFACES¹ PARA O ENFRENTAMENTO DO RACISMO

Rosangela Malachias

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.133967

RESUMO: Apesar do racismo e da recusa ideológica em reconhecer a arte que produzem, os intelectuais e artistas brasileiros projetam discursos e representações sociais e estéticas que demonstram a contínua afirmação de sua humanidade.

ABSTRACT: Despite racism and the ideological refusal to recognize the art they produce, Afro-Brazilian intellectuals and artists design social and aesthetic speeches and representations that demonstrate the continued affirmation of their humanity.

PALAVRAS-CHAVE: intelectuais – afrobrasileiros – reconhecimento – arte - humanidade

KEYWORDS: intellectuals – Afro-Brazilian – art - humanity

¹ O artigo complementa ideias debatidas na pesquisa de Pós-doc de Rosangela Malachias (2016) e em cursos de formação docente elaborados e ministrados por ela, especificamente em 2014.

A arte sensibiliza as pessoas... Dignifica o mundo. Emociona, toca, mas também revolta, transgride, enfurece... E se a arte reúne saberes, técnicas e estruturalmente constitui-se em algo belo... Então, em si, a arte é poder.

Talvez por isso, a definição do que seja uma obra de arte seja feita por um discurso crítico-ideológico necessariamente não identificável. Seria então a crítica fruto do pensamento europeu? O mesmo pensamento que iluminou o mundo das ideias e negou racionalidade histórica (HEGEL) ao continente negro?

O mesmo pensamento eurocêntrico que estética-técnica e também intuitivamente reconheceu sujeitos, cujas mãos hábeis e sensíveis pintaram, esculpiram, escreveram obras de arte espalhadas por museus da Europa e do mundo, ironicamente também ignorou a capacidade feminina de criar arte.

O mesmo se deu com a etnicidade, que foi competentemente eliminada da possibilidade de ser bela e de conceber o belo. Quando mais escura a tonalidade epidérmica, mais feia e desumana seria.

Não. Pessoas Negras não poderiam conceber o belo porque para as metrópoles coloniais expropriadoras das riquezas - humana, mineral e vegetal - dos continentes invadidos, decretaram: tais seres nem alma teriam. A literatura histórica os denominaria por certo tempo como “coisas”, “objetos” ou “bens semoventes”.

Não. Mulheres não poderiam conceber o belo - poderiam até ser belas - porque para o pensamento patriarcal das metrópoles coloniais, tais seres já tinham a sua função definida: parir e cuidar do lar.

E por mais que o mundo avance, as teorias racistas do século XIX não ficaram no passado. Cotidianamente precisam ser rebatidas, pois a sua reformulação e propagação nas mídias e redes sociais evidenciam que o poder sobre quem pode ou não experimentar a dignidade humana vem de cima, das instituições que definem e controlam o conhecimento e também vêm de dentro - crenças e estereótipos apreendidos, assimilados e reproduzidos.

O que fazer então? Jogar a toalha? Desistir e sucumbir ao que está definido?

Com certeza é mais fácil manter crenças e representações sociais forjadas pelo imaginário coletivo, do que refletir com criticidade sobre outras formas de viver e também de produzir arte. Entretanto, a imprevisibilidade da dinâmica da vida e do pensamento humano favorece a ocorrência de reações, que transculturalmente transformam as relações de poder, questionando ausências e reivindicando representações desprovidas de preconceito, um conceito que expressa a recusa da diversidade pelo desconhecimento e recusa da possibilidade de aprender com a convivência junto aos diferentes.

A contemporaneidade favorece o acesso a uma gama infindável de referências. Porém, pode ser mais confortável servir-nos daquilo que está pronto e legitimado pela ideologia ocidental sobre o que é arte, o que é belo, quem é artista, quem não é. Nesta situação a impossibilidade de pensar que, no passado, pessoas negras e mulheres tenham sensibilizado, emocionado e revoltado um público fruidor de sua arte é um fato. Quem se acostuma com o que está aparente e pronto, acabado, nem sempre ou quase nunca pensa naquelas

peças que trabalharam antes, limpavam, colheram, carregaram... O trabalho pesado e sujo... tem cor, tem gênero.

Ain't I a Woman? (TRUTH, 1851) questionou a ex-escravizada e abolicionista Sojourner Truth (1797-1883), em discurso belíssimo redigido e proferido por ela na Ohio Women's Rights Convention, in Akron, Estados Unidos. O discurso foi reproduzido por jornais da época e ainda hoje é desafiador e demonstra que mulheres negras, escravizadas ou livres, refletiam sobre a sua própria condição política e a dos seus pares.

Apenas oito anos após o discurso de Truth, outra mulher negra reproduz o seu discurso literário para denunciar a escravidão e evidenciar a sua consciência sobre este sistema desumano. O romance *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917), foi publicado em 1859 tornando-se "o primeiro romance de autoria afrodescendente da literatura brasileira" sendo também pioneiro no tratamento da escravidão narrada a partir da perspectiva dos escravizados (ANDRETA & ALÓS, 2013).

Quem questiona e se interessa pela História, ciência metodologicamente organizada e quer escutar ou ler as narrativas históricas daquelas(es) que vivenciaram o cotidiano da subalternidade pode também se surpreender com a descoberta de escritoras(es), juristas, musicistas, poetas... Protagonistas de suas vidas. A surpresa da descoberta vem mesclada com um sentimento estranho de satisfação, pertencimento, reconhecimento da "filosofia de toda a gente" (GRAMSCI, 1978) e da dignidade humana inerente à produção artística sensível e ao mesmo tempo forte, por denunciar subliminar ou abertamente a injustiça social de sua época.

No Brasil, intelectuais e artistas negros e negras atuaram no período da escravidão e no pós-abolição e, ao longo dos séculos XX e XXI, continuaram, individualmente ou no cerne de organizações do movimento social negro, buscando por representações sociais que demonstrem a contínua afirmação de sua humanidade.

José Benedito Correia Leite (1900-1989), Antonieta de Barros (1901-1952), Abdias do Nascimento (1914-2011), Lélia Gonzalez (1935-1994), Beatriz do Nascimento (1942-1985), Hamilton Bernardes Cardoso (1954-1999) são alguns desses intelectuais negros(as) acima mencionados. Cada qual em seu tempo e lugar problematizou na teoria e na prática a questão da “linha de cor” (W. DUBOIS). Suas vidas deveriam constar na lista de referências bibliográficas dos cursos de Jornalismo, Letras, Pedagogia, dentre outros cursos ministrados no Brasil, principalmente porque em suas vidas redigiram textos relevantes para exprimirem seu pensamento sobre as desigualdades raciais existentes no país.

Há que se reconhecer que após a Segunda Guerra (1939-1945), a recém criada Organização das Nações Unidas (ONU) assume a relevância do racismo como problema mundial a ser enfrentado. O seu escritório para a Educação e Cultura - UNESCO - promove pesquisa internacional sobre o tema. As Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo foi a tese de doutorado da jovem negra Virgínia Leone Bicudo (1910-2003)², defendida em 1945, 10 anos antes da publicação do famoso trabalho sobre Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo (1955), de Florestan Fernandes (1920-

² Tese orientada pelo sociólogo norte-americano Donald Pierson (1900-1995).

1995)³. Bicudo, migra posteriormente para o campo da Psicanálise, e o seu reconhecimento como pioneira nos estudos raciais em São Paulo é recente e fruto de pesquisa feita por uma intelectual negra (DAMACENO, 2013).

O campo da História principalmente após 1988, ano do centenário da Abolição, passou a realizar pesquisas com abordagens reflexivas diferenciadas evidenciando que homens, mulheres e crianças, coisificados pelo sistema, manifestaram protagonismo individual e/ou coletivo não somente no espaço geográfico dos Quilombos. Arquivos históricos como testamentos, processos criminais e cíveis, registros de nascimento, batismo e óbitos relatam as vozes e vontades desses agentes transformadores, em prol da sua liberdade e do seu direito a vida sem torturas e castigos⁴.

A mudança do paradigma historiográfico responde a críticas, questionamentos e demandas dos movimentos organizados. As artes plásticas não ficam isentas desse movimento. A publicação *A Mão Afro-brasileira* de Emanuel Araújo reúne acervos, autores e rastreia “pistas a partir de documentos históricos ou de depoimentos de viajantes estrangeiros que aqui estiveram no período da escravidão” (ARAÚJO, 2010, p. 104) para demonstrar como e quem eram os autores das obras artísticas produzidas na colônia. Dentre os autores do livro, Luiz Marques afirmou que esta tarefa esbarrou no silêncio quase absoluto sobre arte africana e afro-brasileira, que ainda pode ser constatado na historiografia nacional (MARQUES in ARAÚJO, 2010, p.137, V.1).

3 Tese orientada pelo sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974).

4 Sugerimos a leitura de Sidney Chaloub; Sílvia Lara,

Em seu projeto de pesquisa de pós-doutoramento⁵, Malachias (2014) questionou: “por quê precisamos da legitimidade?” e na primeira pessoa responde:

Questões identitárias, direito ao reconhecimento, representação social poderiam responder a este anseio. Particularmente, como mulher negra brasileira oriunda de uma família de trabalhadores(as), aprendi que temos que lutar por aquilo que sonhamos e acreditamos, pois, a despeito das dificuldades, temos o direito à felicidade, sentimento que é filosófico e inerente à noção de pessoa e de dignidade humana.

A dignidade humana da população negra vem sendo negada há séculos e o campo das Ciências da Comunicação, ainda jovem, juntamente com a Educação - antiga Pedagogia - tem responsabilidade sobre a criação e propagação de estereótipos, legitimando discursos impressos, sonoros e imagéticos eurocêtricos. (MALACHIAS, 2014).

O processo de letramento é longo. Implica aprender a aprender outros temas, aprender a conhecer outras culturas, aprender a conviver com as diferenças e aprender a ser uma pessoa capaz de compreender outras possibilidades estéticas que diferem das representações sociais prontas e às quais nos acostumamos. É na práxis da vida, que a elaboração artística e discursiva se processam. A sabedoria filosófica, artística e graficamente impressa no símbolo Adinkra

⁵ Pesquisa de Pós-doc apresentada à Cátedra UNESCO-UMESP em 23 de agosto de 2016.

denominado SANKOFA (Figura 1) – ave coçando sua própria calda – estimula-me a prosseguir e a “aprender com o passado para mudar o presente construindo o futuro”.



¶[Fig. 1 – símbolo Adinkra denominado Sankofa. Origem Gana, África ocidental].

Artistas, escritores(as) e intelectuais negros e negras que criaram linguagens artísticas, escreveram, ensinaram e modificaram a história nacional denunciando o racismo e reivindicando o acesso da população negra à educação, não foram legitimados pela academia como formuladores de conhecimento. O racismo institucional ainda silencia e ou trata com indiferença as ações transculturais e políticas do ativismo negro.

Autores(as)⁷ pós-coloniais negros(as) e não brancos oferecem-nos possibilidades para interpretar contextos socioculturais demarcados pelo capitalismo e desigualdades sociais que afetam diretamente a população negra.

A ausência da representação intelectual negra nos conteúdos curriculares dos cursos de Licenciatura e de Comunicação Social, nosso campo de interesse, refletem na formação de profissionais da Educação e da Comunicação. A reprodução desse desconhecimento é simultânea à manuten-

6 Fonte: Ipeafro – organização fundada por Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento. www.ipeafro.org.br (acesso em agosto de 2016)

7 Frantz Fanon (1925-1961), Malcolm X (1925-1965); Stuart Hall (1932-2014), Stevie Biko (1946-1977); Bell Hooks (1952), Edward Said (1935-2003), Homi K. Bhabha (1949).

ção dos estereótipos e estigmas vinculados a este segmento e favorece a consideração de interpretações metodológicas sobre a branquitude ou branquidade - “o lugar de vantagem estrutural” ocupado pela população branca “nas sociedades estruturadas na dominação racial” (FRANKENBERG, 2004, p. 212) - como parâmetro para a igualdade entre os diferentes e como modelo histórico único.

Ser branco torna-se o ideal a ser alcançado. *To be white is to not think about it* disse Barbara Flagg (WILLIG, 2013), ou seja, “Ser branco é não pensar a respeito disso” e, desse modo, o racismo, o preconceito e discriminação raciais passam a ser considerados problemas dos negros, que devem resolvê-los. O silêncio e a indiferença institucional tornam-se estratégias do racismo.

Regina Pahim Pinto, uma das pioneiras a pesquisar, nos anos oitenta, a luta do Movimento Negro brasileiro pelo acesso à educação destacou:

(...) se antes o negro almejava simplesmente se educar, paulatinamente ele passa também a reivindicar do sistema educacional formal e da sociedade brasileira o reconhecimento da sua cultura, do seu modo de ser e da sua história. É um esforço que visou não apenas mudar o branco, mas o próprio negro, através do fortalecimento da sua identidade étnica. (PINTO: 1993, p.28).

E o esforço permanece na dinâmica histórica e nasce de indivíduos – organizados ou não em instituições – que se apropriam das redes sociais para criarem conteúdos e propagarem o conhecimento oficialmente negado ou subre-

presentado. Adolescentes, jovens, adultos têm em comum a necessidade de conhecer e compartilhar linguagens artísticas e tecnológicas criadas por afrodescendentes, negros brasileiros ou não, cuja produção pode inspirar crianças e propagar respeito.

Esta ação midiática educacional (MALACHIAS, 2014) manifestada na internet demonstra que a temporalidade, que na cosmovisão africana e afrobrasileira é circular ou espiral, unifica tempos históricos diferenciados. Este fato faz com que a vida dos/as líderes, ativistas e artistas que ao longo dos séculos promoveram na teoria e na prática o pensamento pró-igualdade e pela diferença é, sim, circular nas ações do ontem, propagadas no hoje. Suas ideias circulam na poesia de protesto, na letra de um samba enredo, ou incorporadas nos versos urbanos do Rap.

EXERCÍCIO – ABC DAS ARTES

No trabalho de formação docente desenvolvido junto a Educadoras(es) da rede pública tento – e aqui uso a primeira pessoa como uma pesquisadora reflexiva (SCHÖN, 2010) – questionar as/os cursistas sobre alguns nomes abaixo listados, e a grande maioria das(os) professoras(es) da educação básica afirma desconhecê-los. Curiosamente alguns nomes conhecidos são associados a pessoas brancas, surpreendendo as/os educadoras(es) quando se deparam com a imagem de uma pessoa negra. Esta atitude não deve ser criticada.

Quantos desses nomes foram estudados na escola básica?

Por anos estudei Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922), sem saber que eram negros. Somente na minha vida adulta e ativista os descobri “mulatos” – palavra inadmissível depois de decodificada⁸. mestiços ou afro-descendentes, ambos escritores seriam, pela contemporânea classificação do IBGE, denominados como pardos e, por essa razão, também seriam acrescidos ao grupo de “negros”, resultante da somatória entre as cores preta e parda.

Ao atentarmos ao conteúdo de suas obras, a crítica social está presente e é direta ao sistema escravista (Machado, em *Pai contra a Mãe*, expõe a crueldade do sistema, quando o personagem Cândido Neves, casado com Clara, persegue uma escrava grávida. A recompensa o ajudaria a salvar a vida do próprio filho). Denuncia o racismo (Lima Barreto expõe, em *Clara dos Anjos*, livro publicado após a sua morte, os conflitos e o sofrimento da protagonista motivados pelo preconceito racial no Rio de Janeiro do início do século XX).

Num exercício alfabético buscamos nomes:

Auta de Souza (1876 -1901), poetisa romântica, natural do Rio Grande do Norte, autora do livro *Horto*.

Antonieta de Barros (1901-1952), Antonieta foi a primeira mulher eleita deputada estadual e primeira negra na política, em 1932, Florianópolis, Santa Catarina. Professora, jornalista e escritora.

Abdias do Nascimento (1914-2012), economista, teatrólogo, artista plástico, escritor, senador da República, professor emérito de várias universidades internacionais.

⁸ Equus asinus, Jumento.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) – escritora mineira, radicada em São Paulo, autora do romance *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960, com três edições e mais de 100 mil exemplares vendidos em 40 países e traduzido para 13 idiomas.

Oliveira Silveira (1941-2009), escritor, poeta, idealizador do dia 20 de novembro como data da Consciência Negra

Os nomes anteriormente listados são de protagonistas falecidos.

A escritora **Conceição Evaristo**, (1946) cuja obra literária de contos, romances e poemas decorre da sua condição de mulher negra, foi primeiramente (re)conhecida como autora nos Estados Unidos.

Cuti (Luiz Silva), doutor em Literatura pela UNICAMP, entrevistou José Correia Leite, jornalista autodidata fundador do jornal *O clarim da Alvorada* (1924). O livro *E disse o Velho Militante* (1992) é uma obra belíssima reveladora de uma São Paulo dos anos 1920, na qual negros não podiam vivenciar sua cidadania.

Dirce Thomaz, atriz e dramaturga contemporânea. Nos anos noventa fez *Xica da Silva*, com Antunes Filho, recebendo prêmios pelo papel, mas passou a escrever textos que contemplasssem o universo vivenciado pelos negros, sempre preocupada com uma linguagem universal, que o teatro deve ter.

Evaristo de Carvalho (1932-2014) não somente foi pioneiro no rádio de São Paulo, como também agiu como baluarte do Samba Paulista. Inovador ao sugerir a união das escolas em uma entidade organizativa, que pudesse receber subsídios governamentais para a organização do

carnaval. Criou a Rede Nacional – e a Internacional – do Samba, muito antes da internet. Conversava com sambistas que iam ao Japão por interurbano, com hora marcada, e os colocava ao vivo na rádio, surpreendendo seus ouvintes.

Firmin, Joseph-Antenor (1850-1911) – antropólogo haitiano cuja obra⁹ criticou detalhadamente o pensamento racista do Conde Arthur Gobineau¹⁰

Oswaldo de Camargo (1936), escritor e jornalista, define “elo” entre as gerações – fundadoras da Imprensa Negra Paulista; Frente Negra Brasileira – e os jovens que no final dos anos 1970 fundaram o Movimento Negro Unificado (1978). Camargo tem livros publicados nos Estados Unidos e Alemanha. Dentre seus trabalhos destacam-se *O Negro Escrito*¹¹ - e *Solano Trindade*¹², poeta do povo.

(...)

Web Dubois (1868-1963) - William Edward Burghardt Du Bois sociólogo e ativista afroamericano, acadêmico, publicou mais de 20 livros compondo também poemas e contos. Sempre apoiou a arte e cultura negras, sendo fundador da *American Negro Academy*.

Zumbi dos Palmares – líder ex-escravizado, alfabetizado, que liderou o maior Quilombo do período colonial brasileiro. Foi assassinado por Domingos Jorge Velho, em 20 de novembro de 1695.

9 Essai sur l'égalité des races humaines (1885) – Ensaio sobre a igualdade das Raças Humanas.

10 Essai sur l'inégalité des races humaines (1855) – Ensaio sobre a desigualdade das Raças Humanas.

11 Apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira, Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria de Cultura Afro-Brasileira, capa e projeto gráfico Ubirajara Motta, 1987.

12 Aproximações, Com-Arte-Editora Laboratório do Curso de Editoração, USP, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício acima instiga, com o saldo das letras do alfabeto, professoras(es) e estudantes a completarem a lista com nomes de personagens reais – homens e mulheres afro-brasileiros ou não. A escravidão e a Diáspora negra espalharam para o mundo povos africanos de diferentes etnias, que transculturalmente construíram novas formas de vida, sobrevivendo por vezes, resistindo sempre e, ainda assim, concebendo diferentes linguagens artísticas.

Arte Negra? Literatura Negra?

Bernd (1987) afirma que a autoreferencialidade é terreno movediço.

Entretanto, Camargo (2016) se define¹³ como um escritor “em construção”, mesmo estando com 80 anos. “Busco a palavra bela” e a “minha literatura é negra” (CAMARGO, 2016). Para Camargo, a universalidade do tema é inegável, embora o racismo sofrido pelos negros seja tratado com “indiferença”, por isso a busca pela palavra bela ainda o move. Se o processo de busca termina, o escritor deixa de existir.

13 Entrevista em vídeo - Comunicação e Educação Por uma Epistemologia Afro-brasileira – Pesquisa de Pós-doutorado de Rosângela Malachias – Cátedra UNESCO-UMESP, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Sandra. *Abdias do Nascimento*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira - Significado da contribuição artística e histórica*. Rio de Janeiro, Editora Tenenge, 1988.

BASTIDE, R. E FERNANDES, F. “O preconceito racial em São Paulo - projeto de estudo”. In: HIRANO, Sedi (org.). *Pesquisa social e projeto de planejamento*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, 2ª ed.

BERND, Zilé. *O que é negritude* - São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BHABHA, Homi K. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIKO, Stevie. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática 1990.

BIKO, Stevie. *I write what I want*. South Africa: Picado Africa, 2008.

CAMARGO, Oswaldo. *Raiz de um Negro Brasileiro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

_____. *Oboé*. São Paulo: Editora Com Arte, 2014.

_____. *Solano Trindade, poeta do povo*. São Paulo: Aproximações USP/Com Arte Editora, 2009.

_____. *A descoberta do frio*. Apresentação: Clóvis Moura. São Paulo: Ed. Rowitha Kempf, 1979.

CARDOSO, Hamilton. *História recente, dez anos de movimento negro*. *Teoria e Debate* – Sociedade Nº 2 (março/1988).

DAMACENO, Janaína. *Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes e teorias raciais na São Paulo dos anos 1940-1950*. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Trad. José Carlos Eufrázio. Brasília/São Paulo: MEC/UNESCO/Cortez, 4ª ed., 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* - Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FRENKERBERG, Ruth. “A mirada de uma branquidade não marcada”. In: WARE, Vron (org.). *Branquidade Identidade*

Branca e Multiculturalismo: Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

FREIRE, Paulo: *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos A. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. Trad. Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição em 1992, 11ª edição em 2006.

ILHA, Maria (ANTONIETA DE BARROS). *Farrapos de idéias*. Florianópolis: 2001.

LEITE, José Correia Leite. *E disse o velho militante*. Cuti (org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

MALACHIAS, Rosangela. "Talking about Intersections of Gender, Race and Class in the Training of Public Teachers in São Paulo, Brazil". In: *Women Leading Education across the Continents: Overcoming the Barriers*. Editors Elizabeth C. Reily & Quirin J Bauer. Nova York/Toronto: Rowman and Little Field, 2015.

_____ "A dinâmica do tempo nos vestígios da travessia". In: *JMM Fortuna Crítica vol. 4*. Clarissa Josgrilberg Pe-

reira, Eduardo Amaral Gurgel, Iury Parente Aragão e Osvando J. Moraes (orgs.). São Paulo: INTERCOM, 2015, PP. 121-132.

_____ “Diálogos pedagógicos e práticas educomunicativas e uma epistemologia afrobrasileira na formação docente e gestora no município de São Paulo”. In: *Revista FSA* (Faculdade Santo Agostinho), 2014, v. 11, p. 39-64. ISSN Impresso – 1806-6356 – ISSN Eletrônico: 2317-2983.

_____ “*Communicative Actions. Brazilian Women in Educational Leadership*”. In: *Women Leading Education Across the Continents – Sharing the Spirit, Fanning the Flame*. Edited by Helen C. Sobehart foreword by Charles Dougherty. Lanham, New York, Toronto, Plymouth, UK, American Association of School Administrators, 2009, 230 pp.

_____ “Cabelo bom, cabelo ruim”. In: *Percepções da diferença – Brancos e negros na escola*. São Paulo: Terceira Margem Editora, 2009 – vol. 4.

_____ “Práticas educomunicativas e teorias interdisciplinares no combate ao racismo”. In: *Revista Identidade Científica do Grupo de Pesquisa GEPEC* – Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente – UNOESTE – vol. 01 – número 03 – Novembro de 2004 – ISSN 1678-0787 – pp. 68-73.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*. Estudos Avançados 18 (50), 2004.

ONWUACHI-WILLIG, Angela. - “‘I Wish I Were Black’ and Other Tales of Privilege - The Chronicle of Higher Education”. In: *The Chronicle of the Higher Education* – October, 28th 2013. In - Diversity in Academe (<http://m.chronicle.com/section/Diversity-in-Academe/759>) – Copyright 2015. [Acesso em março de 2015].

OSBORNE, Linda Barret. *Women who dare – Women of Civil Rights Movement*. San Francisco, Pomegranate/Washington DC: Library of Congress, 2006.

ORTIZ, Fernando. “Por la integración cubana de blancos y negros”. In: *Orbita de Fernando Ortiz*. La Habana: Col. Órbita, Ediciones Uneac, 1973 p.181-191.

PINTO, Ana Flávia Magalhaes. *A Imprensa Negra no Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único ao pensamento universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. “Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. *In: MUNANGA, Kabengele. (org.). Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

SPLIT IMAGE AFRICAN AMERICANS IN THE MASS MEDIA – Edited by Jannete L. Dates and William Barlow. Washington, DC: Howard University Press, 1993.

Submissão: 2017-06-25

Aceite: 2017-06-25